



VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REALIZADA COM SEXTO E SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Samuel Gomes de OLIVEIRA¹

Resumo

Apresento, neste trabalho, uma oficina construída a partir do compromisso dos professores de língua portuguesa com o desenvolvimento da compreensão do fenômeno da variação linguística para a construção de uma cultura escolar preparada para combater a discriminação pela língua (FARACO e ZILLES, 2015) e promover o respeito à diferença (BRASIL, 1997, 1998). Na oficina, estudantes de sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental assumiram a posição de sujeitos de pesquisa e de pesquisadores ao realizarem um experimento de percepção sociolinguística inspirado nas técnicas de mapas desenhados (PRESTON, 1989) e de estímulos pareados (LAMBERT et al., 1960). Ao final da oficina, refletimos sobre variação e diversidade linguística a partir da perspectiva estilística (ECKERT, 2005, 2012), que entende que a associação entre variáveis linguísticas e categorias macrossociais é indireta e que os significados sociais das variantes estão em constante processo de reinterpretação.

Palavras-chave: Variação linguística; Variação fonético-fonológica; Ensino de língua portuguesa.

Introdução

Este trabalho apresenta o relato de uma prática pedagógica realizada no Colégio de Aplicação da UFRGS em 2019, ano em que atuei como professor substituto da instituição. A prática aqui relatada diz respeito a uma oficina, concebida por mim, intitulada “Diversidade linguística: variedades do Português Brasileiro”, que integrou a

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: samuelgdo@gmail.com.

Semana de Línguas da instituição. A oficina, de 3h/aula, foi ministrada em três turmas, duas de sexto e uma de sétimo ano do Ensino Fundamental.

A construção da oficina considerou aspectos elencados por Bortoni-Ricardo (2005) a respeito da agenda de uma ‘sociolinguística educacional’, entendida pela autora como “todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino da língua materna” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128). A autora afirma que, para a implementação da sociolinguística educacional, não basta descrever as regras variáveis, também é preciso “contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos”, o que “requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130). Tal pedagogia sensível à realidade sociolinguística é o que Faraco e Zilles (2015) denominam de ‘pedagogia da variação linguística’, prática que inclui uma reflexão sobre as grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino da língua portuguesa. Para os autores, a escola deve promover mais do que o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas: deve também investir na “construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais” (FARACO e ZILLES, 2015, p. 9).

A concepção da oficina apresentada neste trabalho levou em consideração tanto as reflexões de Bortoni-Ricardo (2005), quanto as de Faraco e Zilles (2015), ou seja, considerou os objetivos da sociolinguística educacional e a busca por uma pedagogia da variação linguística. A prática pedagógica foi construída assumindo o compromisso com a discussão crítica do fenômeno da variação linguística em prol do respeito à diferença, tarefa entendida como essencial para a educação básica em língua portuguesa pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997, 1998) e pela *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018). Para tanto, elaborei um experimento de percepção sociolinguística e organizei a prática docente de modo a garantir que os estudantes experimentassem tanto a posição de sujeitos de pesquisa quanto a posição de pesquisadores. O desenvolvimento do experimento está relatado na próxima seção. Em seguida, apresento a prática pedagógica propriamente dita e, por fim, as considerações finais.

Construção do experimento de percepção sociolinguística

O experimento de percepção sociolinguística construído para a oficina foi fundamentado em reflexões promovidas por estudos variacionistas. Tendo em vista a extensão e a natureza do presente relato, não realizarei um aprofundamento das questões teóricas envolvidas. Destaco, em linhas gerais, que entendo, seguindo Labov (2008 [1972]), a variação linguística como uma propriedade regular do sistema linguístico (heterogêneo), inerente às comunidades de fala e condicionada linguística e socialmente: os falantes têm competência linguística para lidar com regras variáveis. Além disso, alinho-me à perspectiva estilística, conforme descrita por Eckert (2005, 2012), que compreende que as variáveis linguísticas se ligam indiretamente a categorias macrosociais e compõem estilos. Para a autora, os significados sociais que são atribuídos às variantes estão em constante processo de reinterpretação, e os estilos construídos com as variáveis linguísticas são entendidos como prática de construção de *personae* (tipos sociais explicitamente marcados).

Tanto a diversidade linguística quanto as atitudes frente à diversidade linguística são captadas em experimentos de percepção sociolinguística. Tendo isso em vista, desenvolvi, para a oficina “Diversidade linguística: variedades do Português Brasileiro”, um instrumento de percepção inspirado nas técnicas de mapas desenhados (PRESTON, 1989) e de estímulos pareados (LAMBERT et al., 1960). Para tanto, pedi a pessoas de diferentes cidades brasileiras para que gravassem uma leitura de um mesmo trecho de texto, que reproduzo a seguir: *Bom dia, galera da Semana de Línguas, tudo certo? Aqui quem fala é _____ (nome do(a) falante). Vocês reconhecem o meu jeito de falar? Sabem de onde eu sou?*

O texto foi elaborado com o intuito de possibilitar o surgimento de processos fonético-fonológicos variáveis que, de acordo com estudos sociolinguísticos brasileiros, podem distinguir comunidades de fala. São alguns dos processos presentes no trecho: palatalização de oclusivas (como em [d]ia~[dʒ]ia) e fricativas alveolares (como em língua[s]~língua[ʃ]); elevação (como em jeit[o]~jeit[u]) e abaixamento (como em r[e]conhecem~r[ɛ]conhecem) de vogais médias átonas; *ingliding* de vogais tônicas em posição de proeminência no sintagma entoacional (como em c[ɛ]rto~c[ɛ̃]rto); realizações variáveis dos róticos em ataque (como em

[r]econhecem~[r]econhecem~[h]econhecem~[x]econhecem) e em coda (como em ce[r]to~ce[r]to~ce[h]to~ce[x]to]~ce[ɾ]to) silábica.

Ao todo, consegui contar com a participação de 16 falantes. Todos foram convidados a fazer uma leitura o mais natural possível do trecho de texto e, cientes e de acordo com uso pedagógico de sua contribuição, enviaram seus áudios por meio de *WhatsApp* e informaram seu nome, sua idade e a cidade em que passaram a maior parte da vida.

Além de organizar os arquivos de áudio, elaborei um mapa do Brasil para ser entregue a cada estudante. O mapa, que possuía os contornos dos estados brasileiros, contava com a identificação das 16 cidades de origem dos falantes. As cidades eram: Aracruz (ES), Arroio do Meio (RS), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Campo Grande (MS), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Guiratinga (MT), Juazeiro do Norte (CE), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ), Santana (AP), São José do Campestre (RN), São Paulo (SP) e Teresina (PI).

Prática pedagógica

A oficina aconteceu nas salas de aula das turmas de sexto e sétimo ano, no Colégio de Aplicação da UFRGS, em Porto Alegre. Para sua realização, elaborei uma apresentação de *slides*, preparei os áudios e entreguei material impresso para cada estudante. Os materiais continham, além do mapa para o experimento de percepção, os tópicos que seriam abordados durante a oficina seguidos de espaços em branco para que cada estudante registrasse uma sistematização das descobertas.

O encontro se iniciou com uma breve reflexão a respeito dos conceitos de *língua* e *linguagem*. Em seguida, eu introduzi as noções de *diversidade* e *variação linguística* a partir da pergunta: todas as pessoas que falam uma mesma língua falam do mesmo jeito? Após um momento de conversa, em que os estudantes compartilharam hipóteses para responder à pergunta, desenvolvi a ideia de que a variação linguística é natural e inerente ao sistema linguístico.

Feita a introdução temática, que contou com ativação de conhecimento prévio dos estudantes, dei início ao experimento de percepção sociolinguística a partir da seguinte questão-norteadora: será que é possível descobrir *de onde*² uma pessoa é

² Um experimento como esse poderia ter sido elaborado com outros enfoques, isto é, os estudantes poderiam ser questionados sobre ser possível descobrir *gênero*, *idade*, *classe social* dos falantes, dentre outros aspectos. A escolha de explorar a cidade de onde são os falantes tem a ver com a opção metodológica pelo experimento a partir do uso do mapa do Brasil. A visualidade do mapa, ao final do

somente pelo seu jeito de falar? As primeiras hipóteses de resposta à questão-norteadora envolveram o uso de gírias e expressões típicas de cidades ou regiões. Apresentei, então, uma nova questão, já direcionada ao instrumento de percepção: e se as pessoas fizessem a leitura de um mesmo texto, será que seria possível descobrir *de onde* elas são?

No experimento, os estudantes assumiram a posição de sujeitos de pesquisa: após ouvir cada áudio, eles deviam associar o(a) falante à cidade que acreditavam ser aquela em que o(a) falante passou a maior parte de sua vida. Primeiro, os estudantes tomaram conhecimento do trecho de texto que seria lido por todos os falantes. Então, os falares foram reproduzidos um a um: depois de apresentar o nome e a idade de cada falante, eu reproduzi seu áudio. Em seguida a cada áudio, eu forneci tempo para que os estudantes assinalassem seu palpite no mapa (ligando o nome do falante a uma cidade) e registrassem, em suas palavras, o que percebiam de peculiar ao falar.

Depois de os estudantes terem feito os registros de um áudio no mapa, eu os convidava a compartilhar seus palpites. Nos primeiros áudios, foi necessário motivá-los a responder, bem como explicar que uma resposta como “não sei” era tão válida quanto qualquer palpite, e que não havia necessidade de os palpites estarem corretos. Ainda assim, a dinâmica própria da atividade estimulou uma atmosfera de jogo em que, após compreender o funcionamento da tarefa, os estudantes tinham interesse em dar o palpite correto frente aos colegas e registrar seu acerto.

A medida em que a cidade de origem de cada falante era revelada, a turma assinalava essa resposta em seu mapa e nós conversávamos brevemente sobre as características fonético-fonológicas mais salientes do falar ouvido que podiam indicar o pertencimento do falante a uma ou outra cidade. A cada resposta, o número de cidades disponíveis para os palpites seguintes diminuía, o que aumentava a probabilidade de que os palpites estivessem corretos e, em consequência disso, a expectativa de acerto dos estudantes. A dinâmica adotada para realização do experimento permitiu que os estudantes levantassem hipóteses a respeito de suas próprias percepções e das facilidades e dificuldades na realização do experimento, assumindo, para tanto, a posição de pesquisadores.

O momento de compartilhamento dos palpites e das hipóteses de cada estudante proporcionou uma discussão significativa sobre variação linguística. Em alguns casos,

experimento, com as anotações dos estudantes sobre ele, contribui para a percepção da diversidade linguística brasileira.

os estudantes não tinham muitas referências sobre os falares ou sobre as cidades. Em outros, eles conseguiam associar o falar ouvido a alguém que conheciam, ou que ouviram em um canal do *YouTube*, em um programa de TV ou em uma visita a outra cidade, por exemplo. Desta etapa da oficina, destaco dois acontecimentos interessantes: (a) Nas três turmas, os estudantes tiveram facilidade em reconhecer o falar da falante de Porto Alegre, cidade onde se localiza o Colégio de Aplicação da UFRGS, e consideraram que este se tratava de um falar “sem sotaque”. Essa percepção possibilitou, justamente, discutir e colocar em perspectiva a noção de *ter* ou *não ter sotaque*. (b) Em uma das turmas, uma estudante reconheceu a origem de diversos falares sobre os quais seus colegas não tinham palpites. Ao explicar seus próprios palpites, a estudante citou diversos canais do *YouTube*, criados por pessoas de diferentes cidades do Brasil, a que costumava assistir. Esse resultado suscitou uma conversa sobre a relação entre o trânsito social de cada sujeito e sua percepção dos falares.

No final da oficina, depois do experimento de percepção sociolinguística, busquei organizar uma reflexão sobre *como* percebemos a diversidade e, também, retomar *o que* foi identificado como peculiar ou diferente nos falares. Para tanto, destaquei os processos fonético-fonológicos variáveis que contribuíram para a associação dos falares a diferentes cidades, sem qualquer compromisso com a nomenclatura utilizada para conceituar as variáveis linguísticas no âmbito acadêmico. Em seguida, guiei a discussão para seu encerramento com a pergunta: *Por que* falantes de uma mesma língua falam de maneiras diferentes, isto é, *por que a língua varia?* Tendo em vista o percurso da oficina, os estudantes não tiveram dificuldade em relacionar, nesse momento, diversidade linguística a diversidade social. Pudemos, então, apontar alguns caminhos de resposta à pergunta final, elencando aspectos sociais que condicionam a variação linguística e atentando para a relação entre usos linguísticos e práticas estilísticas.

Em linhas gerais, considero que, com a oficina, os estudantes puderam compreender que: (i) Por vezes, somos capazes de associar falares a categorias macrossociais (a variação é condicionada socialmente), o que depende, também, do nosso trânsito social; (ii) A relação entre falares e categorias macrossociais não é direta ou inequívoca (as variantes linguísticas indexam significados sociais que não são estáticos), o que pode explicar a diversidade nas percepções de um mesmo falar; (iii) As diferenças nas formas de falar estão intimamente relacionadas à diversidade social e devem ser respeitadas (as variantes linguísticas compõem estilos): não havia, no teste,

uma maneira de falar ou um estilo mais correto do que outro, o trecho de texto era sempre o mesmo e não houve qualquer dificuldade de compreensão do que estava sendo dito.

Considerações finais

Neste relato, busquei apresentar um caminho possível para explorar a variação fonético-fonológica no ensino básico. Na oficina “Diversidade linguística: variedades do Português Brasileiro”, procurei, mais do que *apresentar* a variação linguística aos estudantes, *investigar* questões de pesquisa com eles, considerando e valorizando suas vivências e percepções. Considero importante abordar a variação linguística por uma via que não seja a do estereótipo, evitando cair na prática por vezes comum de introduzir a conversa a partir da gíria típica, do que é altamente marcado, ou mesmo estigmatizado. Na oficina, nós pudemos, inclusive, problematizar a construção de estereótipos: nem sempre é fácil associar um falar a uma cidade, tendo em vista que muitos são os fatores que condicionam a variação e que, se nós construímos estilos com o uso da língua, nunca poderíamos afirmar que todos os falantes de uma mesma cidade falam de uma mesma forma. Somos diversos e singulares, nossos falares também.

Ainda que a oficina tenha se desenvolvido em um curto período de tempo, acredito que a prática possa ser expandida para ser realizada em projetos de ensino maiores, bem como adaptada para diferentes etapas escolares³. Além disso, novas práticas pedagógicas, inspiradas na experiência desta oficina, podem abarcar diferentes processos variáveis (não apenas fonético-fonológicos), com diferentes níveis de saliência social.

A oficina relatada neste trabalho foi construída para ser uma entrada na compreensão da variação linguística, não para encerrar a questão. Em verdade, a atitude de respeito à diversidade linguística e social não deve se limitar a uma oficina, a uma aula especial ou a um evento isolado, e sim deve se configurar como uma prática cotidiana no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

³ Realizei uma prática pedagógica semelhante com uma turma de Ensino Médio (OLIVEIRA, 2020).

- BORTONI-RICARDO, S. **Nós chegemos na escola, e agora?** : sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa:** ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** língua portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Plenary talk. **Annual meeting of the Linguistic Society of America.** Oakland, CA, 2005.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, 41, p. 87-100, 2012.
- FARACO, C.; ZILLES, A. Introdução. In: ZILLES, A.; FARACO, C. (Orgs). **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 7-15.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAMBERT, W.; HODSON, R.; GARDNER, R.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, vol. 60 (1), p. 44-51, 1960.
- OLIVEIRA, S. Os falares da minha cidade: introduzindo a pesquisa sociolinguística na sala de aula. In: TAUFER, A.; NETTO, D.; ENDRUWEIT, M. (Orgs). **Práticas de literatura e língua portuguesa em diálogo com a BNCC:** Ensino Médio e EJA. Porto Alegre: CirKula, 2020. p. 91-97.
- PRESTON, D. **Perceptual dialectology:** nonlinguists' views of Areal Linguistics. Dordrecht – Holanda/Providence: Foris Publications, 1989.